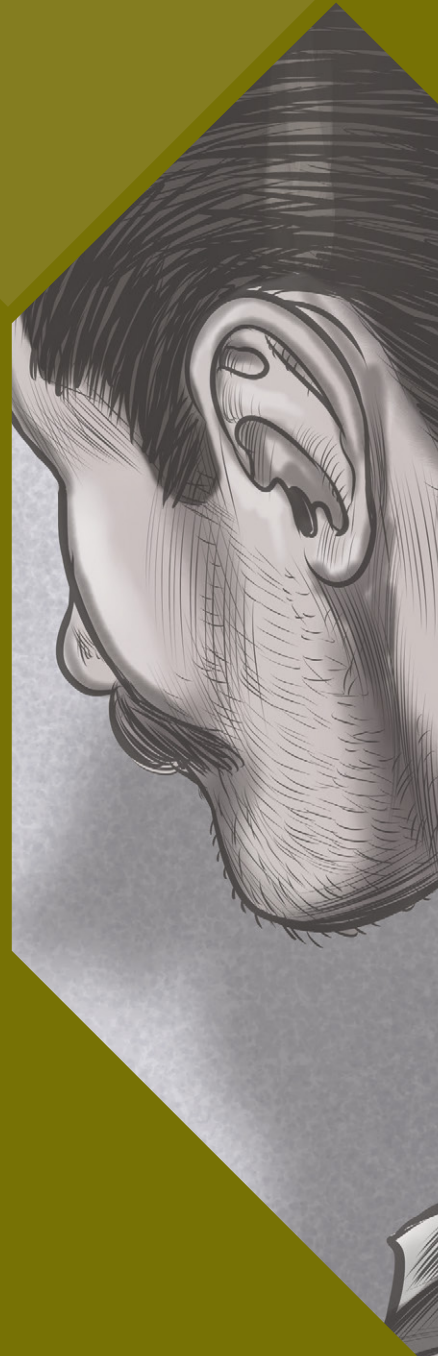


# Angústia

de Graciliano Ramos  
por Izabel Gavira Massaro



# AOL

Análise de Obras Literárias



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO

# EXPEDIENTE



## Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2019.  
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.  
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,  
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

**Autoria:** Izabel Gavira Massaro

**Direção-geral:** Nicolau Arbex Sarkis

**Direção editorial:** Sandra Carla Ferreira de Castro

**Gerência editorial:** Emília Noriko Ohno

**Coordenação de projeto editorial:** Andréa Cozzolino e Brunna Mayra Vieira da Conceição

**Consultoria de desenvolvimento editorial:** Caroline Barbosa Lopes do Amaral

**Analista editorial:** Débora Cristina Guedes

**Edição de conteúdo:** Mariana Castelo Queiroz

**Coordenação de licenciamento e iconografia:** Leticia Palaría de Castro Rocha

**Analista de licenciamento:** Jade Cristina Bernardino

**Coordenação de produção editorial:** Marcos Vinícius de Toledo de Oliveira

**Coordenação de edição de texto:** Anaiza Castellani Selingardi

**Edição de texto:** Marlei Rodrigues de Oliveira

**Coordenação de revisão:** Tamires Maldonado C. de Almeida

**Revisão:** Jéssica Luana Anitelli, Márcia de Paiva Fernandes e Mayara Crispim Freitas Sá

**Coordenação de arte:** Kleber S. Portela e Leonardo Pires

**Projeto gráfico:** Kleber S. Portela

**Capa:** Kleber S. Portela

**Diagramação:** Alexandre Moreira Lemes

**Ilustração:** Ricardo J. Paonessa

**Colaboração externa:** Caroline dos Anjos (revisão)

**Coordenação de PCP:** Anderson Flávio Correia

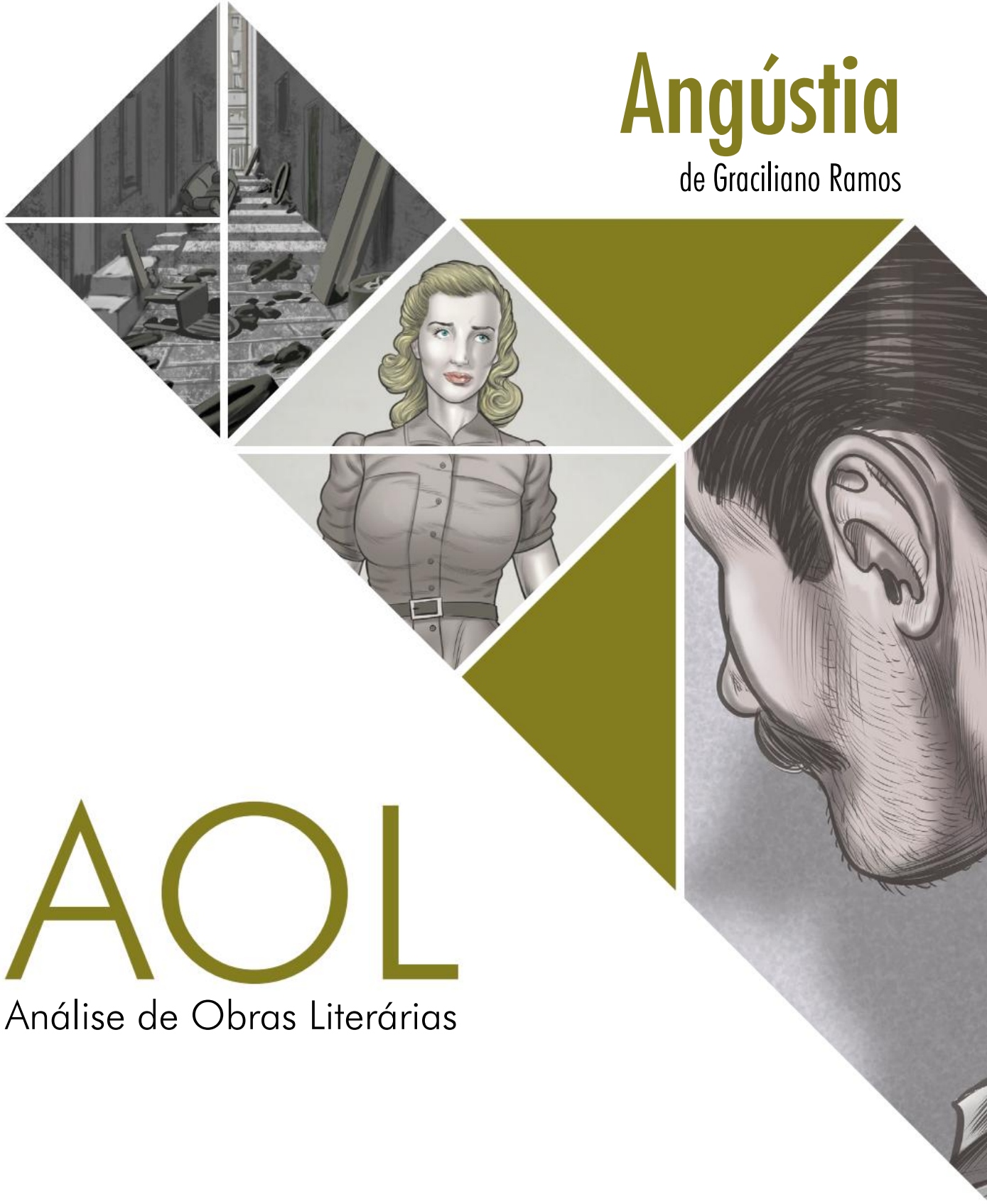
**Analista de PCP:** Vandré Luis Soares

**Impressão e acabamento:** Njwgraf

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequente correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

# Angústia

de Graciliano Ramos



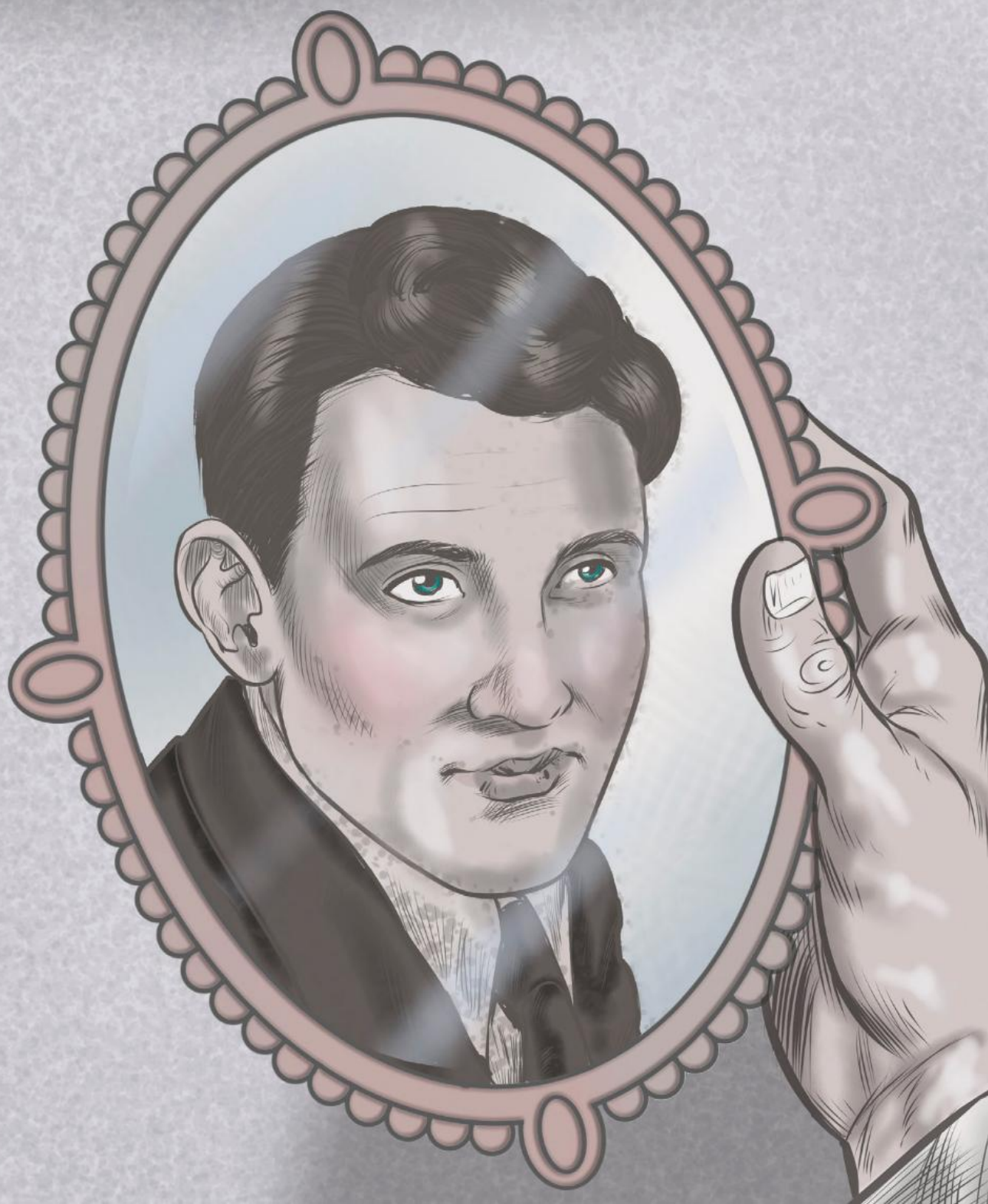
# AOL

Análise de Obras Literárias




# Angústia

de Graciliano Ramos







Esqueça tudo o que sabia sobre Graciliano Ramos. O Mestre Graça nos surpreende com esse romance: uma inovadora narrativa de cunho existencialista. Muito próximo de *Crime e castigo* (do autor Fiódor Dostoiévski, de 1866), mas sem possuir o amor como caminho da salvação, a obra de Graciliano Ramos é um estudo completo da frustração. Em entrevista concedida à Univesp, Elizabeth Ramos, neta do autor, sintetiza a experiência de ler a obra: “O caminho para ler *Angústia* é você estar aberto a ver a humanidade sem anestesia”.

## INTRODUÇÃO ▼

[...] “levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios”.

O excerto antevê o que será contado no romance *Angústia*, que narra a história de Luís da Silva, um servidor público atormentado pelas condições de sua vida medíocre e dos seus sentimentos obscuros. Entre sombras e escuridão, ele revive e convive com frustrações, lembranças de uma infância precária, com ciúme de Marina (sua noiva) e ódio de Julião Tavares (rival que acaba por seduzir Marina).

Dentro da literatura brasileira, *Angústia* inova, entre outras razões, por ser a primeira obra a fazer uso do fluxo de consciência como recurso narrativo, trabalhando, de forma constante, os elementos descritivos, os monólogos e a análise interior, o que acaba deixando em segundo plano a perspectiva da realidade objetiva. A estrutura “desordenada”, escrita em primeira pessoa, descreve a mente perturbada do narrador e protagonista Luís da Silva, que nos mostra um ponto de vista capaz de mesclar memória e imaginação, numa espécie de diário mental em que predomina a introspecção e a autoanálise.

Considerada uma narrativa impressionista, na qual predomina uma visão subjetiva dos fatos, o romance apresenta uma linguagem truncada, com a livre associação de ideias. Estas não são colocadas em uma ordem lógica, mas de acordo com as recordações do protagonista, seus pensamentos e como eles se sucedem. Mergulha-se, assim, no psicológico do narrador-personagem: um homem complexo que se torna refém do ciúme e do ressentimento, até ser capaz de cometer um homicídio.

Enfim, é através do ponto de vista de Luís da Silva que tudo é visto e narrado, ou seja, todos os eventos. Inclusive, as outras personagens só conheceremos pela sua ótica: uma visão restrita e parcial.

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 10 ed. São Paulo: Martins, 1968.

## SOBRE O AUTOR ▼

### Pequena biografia do autor

Filho de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos, Graciliano Ramos de Oliveira nasceu no município alagoano de Quebrângulo, no dia 27 de outubro de 1892. Vindo de uma família de classe média, era o primogênito de um total de 16 filhos e teve uma infância difícil, resultado da complicada relação com os pais, que eram rígidos e distantes. Graciliano viveu em diversas cidades do Nordeste brasileiro, como Viçosa (AL), Palmeira dos Índios (AL), Maceió (AL) e Buíque (PE), e, por conta disso, ficou enraizado no escritor o sofrimento causado pela seca, pela fome e pelo abandono de todo o sertão nordestino.

Em Viçosa, o autor estudou em regime de internato e, em 1904, publicou no jornal da escola (*O Dilúculo*) sua primeira obra: o conto “O pequeno pedinte”. Mudou-se para Maceió em 1905, onde foi matriculado em outro internato, o Colégio Quinze de Março. É ali que Graciliano estabelecerá uma profunda relação de identidade com a literatura e sua língua.

GRACILIANO  
RAMOS



GRACILIANO



Após terminar o segundo grau em 1914, seguiu para o Rio de Janeiro com a intenção de conseguir emprego em jornais locais. Lá trabalhou como revisor dos jornais Correio da Manhã, O Século e A Tarde. Em 1915, Graciliano voltou para Alagoas e casou-se aos 23 anos, em Palmeira dos Índios, com Maria Augusta de Barros, então com 21 anos, contrariando a família do autor, que considerava a menina de uma classe social inferior. Com ela, teve quatro filhos: Márcio Ramos, Júnio Ramos, Múcio Ramos e Maria Augusta Ramos. Sua esposa faleceu por complicações no parto de sua última filha.

Em 1928, entrou para a carreira política como prefeito de Palmeira dos Índios, cargo que ocupou até 1930. Nesse período, redigiu relatórios que eram, ao mesmo tempo, críticos, concisos e irônicos, o que acabou chamando a atenção de Augusto Schmidt, editor carioca que o incentivou e o ajudou a publicar sua obra de estreia, *Caetés* (1933). Casou-se pela segunda vez em 1928, agora com Heloísa Leite de Medeiros, com quem teve mais quatro filhos: Ricardo, Roberto, Clara e Luísa.

Em meados de 1930, Graciliano assumiu a direção da Imprensa Oficial de Alagoas, mas exonerou-se do cargo por não ser muito afeito a politicagens. Já em 1933, foi nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas, porém, em 1936, foi demitido devido a uma acusação – que nem foi formalizada – de conspirar no malsucedido levante comunista de novembro de 1935. Foi preso em Maceió e levado para Recife, onde embarcou em um navio com outros presos para o Rio de Janeiro.

Em meio à ditadura de Vargas no Brasil, o autor permaneceu preso no Rio até janeiro de 1937 e, nesse período, passou pelo Pavilhão dos Primários da Casa de Detenção, pela Colônia Correccional de Dois Rios (na Ilha Grande), pela Casa de Detenção e, por fim, pela Sala da Capela de Correção. Sua obra *Angústia* foi lançada no mês de agosto de 1936 – quando ainda estava preso – e agraciada com o prêmio Lima Barreto da Revista Acadêmica. Graciliano tornou-se ainda mais grandioso ao publicar *Vidas Secas* em 1938, ganhando grande projeção nacional.

Em 1945, com o fim da ditadura de Getúlio Vargas e a volta do país à normalidade democrática, Graciliano filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, permanecendo até 1947, quando o partido se tornou ilegal novamente. Em 1952, o autor viajou para os países socialistas do Leste Europeu, experiência que descreveu em sua obra *Viagem*.

Pode-se considerar Graciliano Ramos como um dos maiores escritores brasileiros. Suas obras apresentam uma análise crítica das relações humanas, com diálogos ácidos e precisos, abrangendo o universo nordestino com todos seus problemas (a fome, a seca, o abandono e o descaso do governo), os quais persistem até hoje.

Graciliano faleceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 1953, vítima de câncer no pulmão.

GRACILIANO

RAMOS

RAMOS  
GRACILIANO

RAMOS GRACILIANO

RAMOS

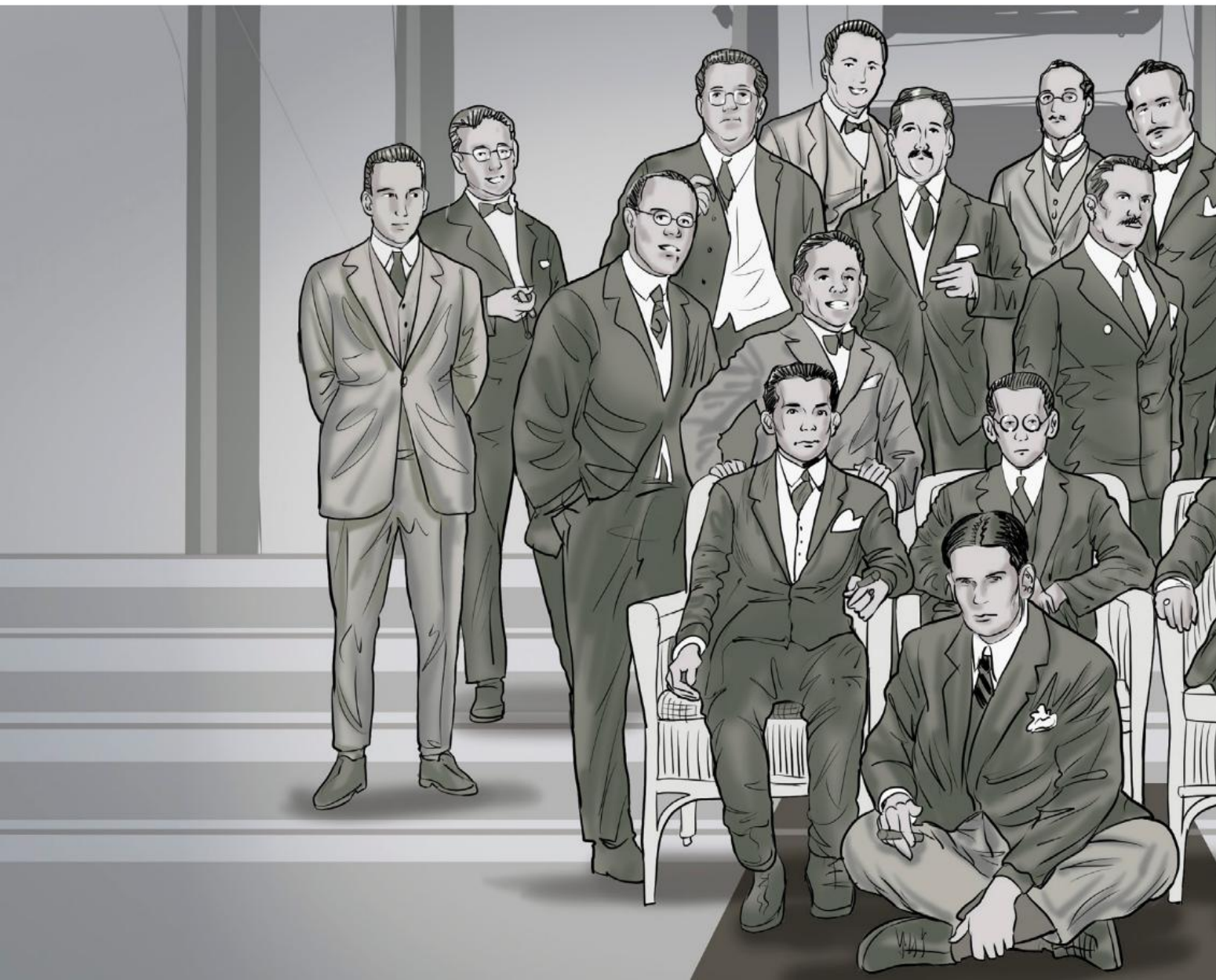
## O autor e seu período

Em *Angústia* (1936), o contexto social e cultural destaca-se através das análises do protagonista, trazendo ao leitor um entendimento da realidade vivida por determinadas camadas da sociedade. Graciliano Ramos, assim, relata em suas obras os acontecimentos sociais que formaram o cenário histórico da época por meio das angústias, das reflexões, dos descontentamentos, da raiva, da indignação e, por fim, da aceitação das mazelas de suas personagens.

No período compreendido entre as décadas de 1920 e 1930, a sociedade brasileira passou por significativas transformações: no plano político, ocorreu a Revolução de 30; no cultural, a Semana de Arte Moderna.

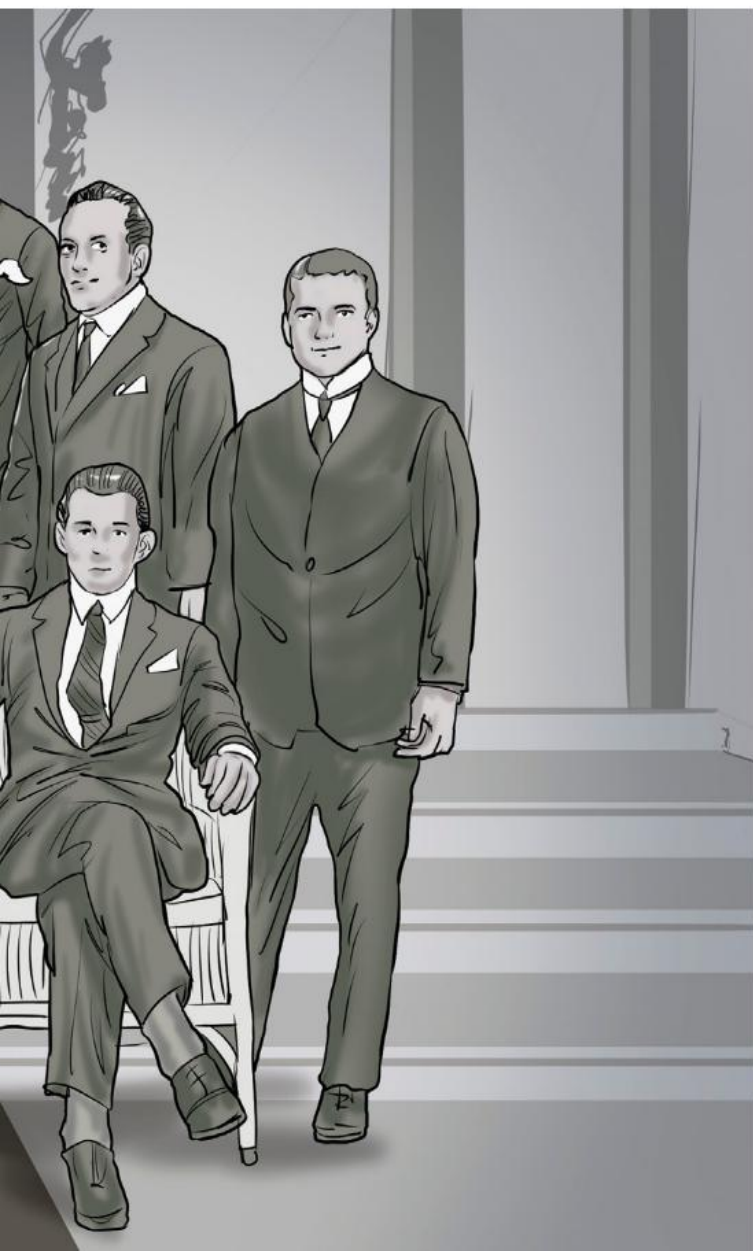
O movimento revolucionário de 1930 colocou fim à política que se estendeu durante toda a chamada Primeira República (1889-1930): a alternância de poder sustentada pelos grandes produtores de café de Minas Gerais e São Paulo. Além disso, em âmbito internacional, o mundo inteiro sentia – e sofria – os reflexos da queda da bolsa de Nova York, em 1929. Assim, nesse contexto de caos e desesperança, o cenário político brasileiro fabricou mais um salvador da pátria: Getúlio Vargas.

Já a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, detonou com tudo o que se aclamava em termos de artes e propôs novas bases para a sua produção. Ao romper com o tradicional, a primeira geração do movimento modernista buscava uma produção baseada genuinamente na realidade do Brasil.





Com essas mudanças artísticas germinando, o Modernismo viveu uma segunda fase entre 1930 e 1945. As obras desenvolvidas nesse momento espelharam as transformações políticas e sociais pelas quais o país passava (a inauguração de outra etapa da vida republicana da nação), incorporando, principalmente nos romances, a crítica e a denúncia social, ações que chamamos também de engajamento. Dessa forma, os artistas nacionais faziam da sua arte armas para lutar contra a desigualdade e se posicionavam diante dessa nova realidade. A famosa Geração de 30, composta, entre outros, de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, Jorge Amado e Graciliano Ramos, discutiu, em suas obras, a realidade brasileira.



## A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

### Obras do autor

#### As principais obras de Graciliano podem ser divididas em três grandes grupos:

- Romances escritos em primeira pessoa: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936).
- Narrativas em terceira pessoa: *Vidas secas* (1938) e *Insônia* (1947, contos).
- Obras autobiográficas: *Infância* (1945) e *Memórias do cárcere* (1953, obra póstuma).

#### Outras obras importantes, publicadas em vida ou póstumas:

- *Viagem* (1954)
- *Linhas tortas* (1962)
- *Viventes das Alagoas* (1962)
- *Garranchos* (2012)
- *Cangaços* (2014)
- *Conversas* (2014)

#### Obras infantojuvenis:

- *A terra dos meninos pelados* (1939)
- *Histórias de Alexandre* (1944)
- *Alexandre e outros heróis* (1962)
- *O estribo de prata* (1984)
- *Minsk* (2013)

#### Livros de correspondência:

- *Cartas* (1980)
- *Cartas de amor a Heloísa* (1992)

#### Coletâneas de contos:

- *Dois dedos* (1945)
- *Histórias incompletas* (1946)

#### Romance produzido coletivamente:

- *Brandão entre o Mar e o Amor* (1942)

#### Duas traduções:

- *Memórias de um negro* (1940), de Booker T. Washington
- *A peste* (1950), de Albert Camus

## Aspectos gerais da produção literária do autor

Dono de uma linguagem concisa e direta, Graciliano Ramos é um dos principais nomes do romance regionalista, que marcou a segunda fase do Modernismo. Sua preocupação era passar com clareza e objetividade as situações vividas pelo sertanejo, abordando temas como o sofrimento, o abandono, as injustiças sociais, a fome, a seca, o drama dos retirantes, entre outros problemas que assolavam – e ainda assolam – essa região e quem ali vive.

Suas obras são marcadas por tensões entre o ser humano e o meio no qual está inserido (natural e social), as quais geram conflitos e alterações no comportamento e nos sentimentos das personagens, levando a relacionamentos tóxicos, à violência e à morte. Em *Caetés* e *São Bernardo*, por exemplo, vemos a morte no suicídio de Adrião e Madalena, respectivamente; em *Angústia*, está presente no assassinato de Julião Tavares; e, em *Vidas secas*, na morte do papagaio e da cadela Baleia.

Além disso, somos ainda convidados a percorrer o psicológico das personagens, mergulhando profundamente em seus desejos, seus sentimentos, suas angústias, suas aflições e suas frustrações. Assim, Graciliano traça um perfil psicológico, social e político que nos leva a analisar criticamente os caminhos que a sociedade de outrora começava a percorrer.

Suas personagens apresentam características pertencentes à própria sociedade brasileira, a partir da qual conhecemos o cotidiano do homem comum em contato com classes sociais mais poderosas e dominadoras. Estas, em vez de trabalhar para a diminuição da condição miserável dos mais humildes, acabam provocando ainda mais sofrimento a eles. Portanto, esse cenário opressor (seja devido a condições naturais ou sociais) tem papel fundamental no desenrolar dos conflitos internos enfrentados pelas personagens, que, muitas vezes, desejam aos outros o mesmo sofrimento pelo qual tiveram de passar; por isso, sobreviver passa a ser seu grande desafio.





As condições agressivas e extremas por quais passam as personagens de Graciliano Ramos, por exemplo, em *Vidas secas*, levam-nas a seguir seus instintos mais primitivos em busca de condições mínimas de vida. Dessa forma, para transmitir a capacidade do ser humano de ultrapassar seus próprios limites na luta pela sobrevivência, o autor utiliza, como recurso estilístico, a zoomorfização, isto é, a atribuição de características animais a seres humanos. Isso fica evidente não só na maneira como suas personagens são tratadas por pessoas em posição superior, como também na maneira de comportar-se e interagir com o meio. Em contrapartida, à medida que as personagens humanas são zoomorfizadas, são atribuídas características humanas a animais, processo chamado de antropomorfização, que podem ser observadas na personagem Baleia (*Vidas secas*). Desse modo, o autor retrata sem rodeios a realidade cruel do sertanejo.

São vários os sentimentos e as emoções despertadas no leitor de Graciliano Ramos (de *Caetés* a *Vidas secas*), mas a angústia, a aflição, a impotência paralisante são os mais recorrentes. A realidade sem ressalvas apresenta-se em todos os romances: o escritor despe o ser humano, corta a própria carne e passa a limpo momentos históricos brasileiros, como faz em *Memórias do cárcere*.

A escrita do Mestre Graça é reconhecidamente aclamada como concisa, cortante, direta e perfeita. Essa economia não se apresenta em *Angústia*, o que pode causar estranhamento no leitor de sua obra. Algumas teorias pregam que o excesso de repetições de palavras e recordações presente na construção desse romance se deve ao fato de a prisão de Graciliano ter ocorrido justamente na entrega dos manuscritos à editora, o que impediu, portanto, as várias revisões que o escritor comumente fazia. Já outros apontam essas redundâncias como propositais, com o objetivo de conduzir o leitor por esse redemoinho de sentimentos, em uma leitura parafuso que circula sempre pelo mesmo assunto, acompanhando as recordações do protagonista que vão e vêm com frequência. Independentemente do porquê, em *Angústia* temos contato com o fluxo de consciência, utilizado pelo autor como recurso narrativo para reforçar esse sentimento de labirinto, de sufocamento.

## Aspectos gerais sobre a obra analisada

O romance – um misto de biografia e diário íntimo com tom confessional – relata os sofrimentos, os sentimentos e as reflexões do protagonista Luís da Silva. A personagem é um homem tímido, feio e solitário como ele mesmo descreve:

*Um sujeito feio: os olhos baços, o nariz grosso, um sorriso besta e a atrapalhação, o encolhimento que é mesmo uma desgraça.*

Luís da Silva trabalha como funcionário público na Diretoria da Fazenda em Maceió e mora em uma casa alugada na Rua da Macena, cujo proprietário é o Dr. Gouveia, que o explora como inquilino. Luís ganha pouco, lê muito e se sente inconformado com o sistema das repartições públicas, pois acredita que, nessa área, competência e capacidade não contam para os melhores cargos. Como está sempre com dificuldades financeiras por causa do baixo salário que recebe, ele tenta aumentar seus rendimentos ao começar a escrever artigos para jornais por encomenda. A personagem tem poucos amigos, sendo eles: Moisés (judeu rebelde com o sistema político), Pimentel (jornalista) e Seu Ivo, o mendigo que, às vezes, o procura para uma cachaça e um prato de comida.

O protagonista sonha em mudar sua realidade, mas, extremamente consciente da sua insignificância e mediocridade, sente nojo de si e dos que o cercam. Pessimista, inseguro e solitário, detesta seu senhorio (está sempre com o aluguel atrasado) e nutre por Julião Tavares (típico jovem da elite alagoana) uma aversão e ódio descomunal. Tenta afastar-se, mas Julião Tavares insiste em visitá-lo, demonstrando que o seu querer sempre é o que prevalece, aumentando em Luís seu complexo de inferioridade.

Seu avô, Trajano de Aquino Cavalcante e Silva, era um latifundiário rico e respeitado, mas que, com as mudanças políticas e sociais, acabou entrando em decadência e perdendo tudo. Já o pai, Camilo Pereira da Silva, sem aptidão para seguir os negócios da família, monta uma venda em uma vila do interior. É do pai que herda o gosto pela leitura.

As lembranças de Luís são principalmente da época em que vivia na fazenda do avô (já decadente e bêbado) com a avó, sinhá Germana, e o pai (sempre deitado na rede lendo). Ele perde a mãe ainda criança e o pai aos 14 anos. Assim, órfão e pobre, viaja do interior para Maceió. Das lembranças que cultua, a que mais o emociona é a de quando seu pai falece e, carente de atenção e amor desde o início da sua existência, recebe da empregada uma xícara de café; é o gesto dela que o emociona, e não a ausência do pai.

*A chuva caía, eu andava pelo pátio, nu, montado num cabo de vassoura. Quem me acordou foi Rosenda, que me trazia uma xícara de café.*

– Muito obrigado, Rosenda.

E comecei a soluçar como um desgraçado.

*Desde esse dia tenho recebido muito coice. Também me apareceram alguns sujeitos que me fizeram favores. Mas até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa que me despertava.*

Durante o período em Maceió, Luís da Silva começa a trabalhar como soldado, porém acaba transformando-se em mendigo; passa por muitas outras privações e dificuldades até ser aprovado em um concurso público para trabalhar em uma repartição.

*Alguns dias depois achava-me no banheiro, nu, fumando, fantasiando maluqueira, o que sempre me acontece. Fico assim duas horas, sentado no cimento. Tomo uma xícara de café às seis horas e entro no banheiro. Saio às oito, depois das oito. Visto-me à pressa e corro para a repartição. Enquanto estou fumando, nu, as pernas estiradas, dão-se grandes revoluções na minha vida. Faço um livro, livro notável, um romance. Os jornais gritam, uns me atacam, outros me defendem.*

Apesar das dificuldades, Luís tem uma existência tranquila até que novos vizinhos aparecem: uma família composta de um casal e a filha Marina – moça de pele clara, olhos azuis e cabelos loiros. Por ela, Luís sente-se imediatamente atraído, e é isso que transformará sua vida dali para frente.

*Foi lá que vi Marina pela primeira vez.*



Luís da Silva conhece Julião Tavares em uma festa do Instituto Histórico. Bacharel e rico, Julião representa tudo o que o protagonista mais desdenha na sociedade. Apesar de toda a aversão que Luís sente pelo rapaz, Julião começa a visitá-lo com frequência, “perseguido-o” por todo o seu núcleo social, sempre com ar de superioridade.

*Foi por aquele tempo que Julião Tavares deu para aparecer aqui em casa. Lembram-se dele. Os jornais andaram a elogiá-lo, mas disseram mentira. Julião Tavares não tinha nenhuma das qualidades que lhe atribuíram. Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor. No relógio oficial, nos cafés e noutros lugares frequentados cumprimentava-me de longe, fingindo superioridade:*

– Como vai, Silva?





*A noite chegava-me a casa, empurrava a porta e, quando eu menos esperava, desembocava na sala de jantar, que, não sei se já disse, é o meu gabinete de trabalho. E lá vinham intimidades que me aborreciam. Linguagem arresvada, muitos adjetivos, pensamento nenhum.*

Enquanto isso, Luís passa a ficar cada vez mais próximo de Marina, até que seu envolvimento com ela os leva ao noivado. A menina, muito mais jovem, deslumbra-se facilmente com as aparências e com o luxo, fazendo com que Luís adquira dívidas para presentear-lá ou mesmo fornecer dinheiro para o enxoval. Ele sente-se incapaz nas relações amorosas:

*O amor para mim sempre fora uma coisa dolorosa, complicada e incompleta.*

Mas o martírio e a angústia de Luís começariam quando, um dia, ele chega do trabalho e se depara com Julião em sua casa olhando para Marina da janela, que o correspondia no olhar. Luís se enfurece a ponto de xingar Julião, mas este apenas finge não ter ouvido ou entendido. Decepcionado, Luís discute com Marina, que consegue convencê-lo de que não existe nada entre ela e Julião. Assim, o protagonista lhe entrega um presente que havia comprado: um anel e um relógio-pulseira. Os dois seguem conversando sobre casamento, mas Luís percebe que Marina já não está mais tão animada com o evento – inclusive, nota que ela não usa mais os presentes que lhe deu no dia em que brigaram.



Dias mais tarde, a garota simplesmente o abandona para ficar com Julião, deslumbrada com os luxos que o rapaz poderia oferecer-lhe. A dor da traição faz estrago no íntimo de Luís, que acompanha, com profundo sofrimento, as visitas de Julião à casa de Marina.

Desolado, começa a seguir e vigiar os passos de Marina, até mesmo enquanto a menina está tomando banho. Sente raiva do relacionamento dela com Julião; despreza-a, mas, ao mesmo tempo, deseja Marina apesar de toda a dor que ela lhe infligiu.

*Durante o dia passava muitas vezes pela porta de Marina, desejando reconciliar-me com ela. Faltava-me coragem, a vergonha baixava-me o rosto, esquentava-me as orelhas.*

*Que me importava que Marina fosse de outro? As mulheres não são de ninguém, não têm dono.*

[...]

*Se Marina voltasse... Por que não? A água lava tudo, as feridas cicatrizam. Não valia a pena pensar no outro. Julião Tavares era um caminho errado. Tantos caminhos errados na vida! Quem sabe lá escolher com segurança os atalhos menos perigosos?*

Em uma das ocasiões em que vigiava Marina no banheiro, Luís descobre que a menina está grávida ao ouvir uma discussão entre ela e a mãe. Seu sofrimento aumenta ao ver a amada naquela situação, entristecendo-o e revoltando-o o fato de que nenhuma das

duas sequer cita o nome de Julião Tavares; em vez disso, xingam e discutem uma com a outra. Analisando essa cena, Luís da Silva se compadece das duas e exime ambas de culpa, chegando à conclusão de que somente Julião deveria responsabilizar-se por isso. Seu ódio pelo rival deixa-o cego, levando-o a pensar que a única solução seria Julião morrer.

*Revoltava-me o recurso infantil de se xingarem, arrancarem os cabelos. Era evidente que Julião Tavares devia morrer. Não procurei investigar as razões desta necessidade. Ela se impunha, entrava-me na cabeça como um prego. Um prego me atravessava os miolos. É estúpido, mas eu tinha realmente a impressão de que um objeto agudo me penetrava a cabeça. Dor terrível, uma ideia que inutilizava as outras ideias. Julião Tavares devia morrer.*

Certo dia, Seu Ivo visita Luís da Silva e entrega-lhe de presente uma corda que encontrou. Aquela corda, em um primeiro momento, assusta Luís a ponto de ele recusar o presente. No entanto, à medida que se lembra de Marina, a corda vai fazendo cada vez mais sentido para ele, atraindo-o e lançando ideias em sua mente.

*O horror que a corda me inspirava foi diminuindo, mas o desconchavo nos meus modos e nas minhas ideias continuou. [...] O conjunto daquelas voltas emaranhadas formava um molho no centro da mesa, e tinha feição vagamente arredondada. Com um pouco de esforço podia*



*admitir-se que fosse redondo, mais ou menos redondo, comparável a uma cabeça chata feita de curva, caprichosas que se torciam como tripas.*

[...]

– *Você já matou gente, seu Ivo?*

*O caboclo abriu os olhos, espantado:*

– *Eu? Deus me livre. Dou pra isso não, seu Luisinho.*

*Nunca matei um pinto.*

– *Mas tem tido vontade, não?*

– *Deixe de histórias, seu Luisinho. Isso é conversa?*

Luís percebe que Julião Tavares não apareceu mais; suspeitava, então, que ele e Marina se encontrassem em outros lugares, às escondidas. Ao seguir Marina, descobre que ela foi procurar dona Albertina para que lhe realizasse um aborto. Terminado o procedimento, Luís continua a perseguir Marina e xinga-a diversas vezes, mesmo que não acreditasse nas palavras que dirigia a ela.

Cada vez mais, sua obsessão por Marina e Julião Tavares aumenta; começa a ir atrás de informações sobre o rival e acaba descobrindo que ele já está com outra amante. Um dia, após Julião visitar sua nova conquista, Luís começa a persegui-lo e uma onda de

sentimentos inunda-o durante todo o trajeto. Ódio, piedade, raiva, cólera, tudo se mistura, enquanto segue os passos de Julião sem saber ao certo o que fazer. No entanto, uma parada abrupta de Julião é o gatilho para Luís, que coloca a corda que ganhou de Seu Ivo no pescoço de Julião e o enforca.

*Julião Tavares parou e acendeu um cigarro. Por que parou naquele momento? Eu queria que ele se afastasse de mim. Pelo menos que seguisse o seu caminho sem ofender-me. Mas assim... Faltavam-me os cigarros, e aquela parada repentina, a luz do fósforo, a brasa esmorecendo e avivando-se na escuridão, endoidecia-me.*

[...]

*Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Bafa, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isto é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se.*

[...]

*E larguei o corpo, que foi bater numa cerca, por baixo de uns galhos de árvore que aumentavam a escuridão.*



Um contentamento apoderou-se de Luís, pois ele passou a sentir-se forte, já não era mais um sem importância, alguém de pouco valor. Contudo, essa felicidade não dura muito tempo. Logo, Luís cai em si, tendo consciência do que acabara de fazer. O pavor de ser descoberto e o desespero de ser sentenciado a 30 anos de prisão (pensamento que se repete a todo momento, enquanto tenta esconder o corpo de Julião) tomam conta dele. Com a corda, resolve suspender o cadáver em uma árvore, para que o seu crime passasse, na verdade, por suicídio.

*Os meus dedos se imobilizavam, feridos, a corda molhada de suor ameaçava correr sobre o galho, emborcar no chão úmido o corpo de Julião Tavares. Não o poderia levantar outra vez, a polícia encontrá-lo-ia deitado nas folhas e iria farejar-me.*

*– Trinta anos de prisão. Trinta anos de prisão.*

Alucinando e perdido, Luís chega em sua casa e dorme. No dia seguinte, não consegue ir trabalhar e liga para avisar que está doente. A partir daí, começa a livrar-se dos indícios e das provas do crime que cometeu no dia anterior. Quando termina, entrega-se à angústia, ao sofrimento, às lembranças que o sufocam e de fato adocece, o que o faz ficar de cama por dois meses, convalescendo.

Na esperança de alcançar a redenção, começa a escrever seu relato sobre os eventos que culminaram no assassinato de Julião: o fracasso amoroso e as atitudes desesperadas e extremas motivadas por um ciúme doentio. Assim, seguindo o fluxo de pensamento, em um monólogo interior, o protagonista nos conta suas recordações de forma não linear; nós, leitores de suas confissões, só conseguimos acompanhar os eventos e reconstruir a história ao recolher e juntar todos os fragmentos de suas memórias e seus delírios. Desse modo, ao chegarmos ao fim do romance, somos levados novamente para o ponto em que ele se inicia, configurando uma narrativa circular, cuja compreensão só é obtida após a leitura não de seu final, mas de seu início.

## Símbolos

Na obra *Angústia*, há uma simbologia representada por determinados elementos. Um deles é a menção constante

à água. Diversas vezes, Luís da Silva menciona a água no sentido de purificação, como algo que lava qualquer coisa, limpando toda mácula, seja física, seja da alma.

*Por que não? A água lava tudo, as feridas cicatrizam.*  
[...]

*A gente vai, vem, faz curvas e ziguezagues, e dá toçadas de arrancar as unhas. A água lava tudo, as feridas mais graves cicatrizam.*

[...]

*Preciso muita água e muito sabão. Viver por detrás daquelas grades, pisar no chão úmido, coberto de escarros, sangue, pus e lama, é terrível. Mas a vida que levo talvez seja pior. Não tinha medo da cadeia. Se me dessem água para lavar as mãos, acomodar-me-ia lá.*

[...]

*“A água lava tudo, as feridas cicatrizam”. Repetidamente esta frase, mas não pude saber de quem era ela.*

Em oposição à água que limpa, estão os ratos. Estes são referenciados em momentos que Luís precisa demonstrar seu asco ou mesmo toda a sujeira e podridão que vê nas pessoas, na sociedade, no meio em que vive.

*[...] fiquei sabendo por alto a vida, o nome as intenções do homem. Família rica. Tavares & Cia., negociantes de secos e molhados, donos de prédios, membros influentes da Associação Comercial, eram uns ratos.*

*[...] negociantes de secos e molhados na Rua do Comércio, vestidos de brim de linho, viviam escondidos por detrás dos fardos e eram uns ratos.*

*Agora tinha tudo: meias, vestidos, um filho no bucho, um filho que saíra gordo, bochechudo e safado, como o pai, como o avô, o Tavares dos Tavares & Cia., uns ratos.*

*O filho de Marina morria, talvez já tivesse morrido. Pensei nos ratos, em d. Mercedes, no quintal cheio de lixo, na mulher que lava garrafas e no homem que enche dornas. Estas lembranças me produziram um aperto no coração. Quase todas me pareceram regulares, mas a ideia dos ratos era extravagante, e isto me enfureceu. Que vinham fazer os ratos ali, àquela hora?*

*[...] Talvez não me referisse a Marina: referia-me aos ratos, a coisas vagas.*



## Foco narrativo

O romance é narrado em primeira pessoa, em tom confessional. Utilizando o fluxo de consciência, Graciliano Ramos revela a mente angustiada e perturbada de Luís, evidenciando todos os seus delírios, suas divagações, seus sentimentos e suas idas e vindas de memória (de lembranças) – que nos leva à sua infância, ao seu momento presente, ao seu tempo dos acontecimentos entre Marina e Julião sem seguir uma linha contínua de raciocínio. Ao escrever sua história, o protagonista tenta encontrar sentido e redenção por seus delitos, mas sem conseguir alterar seu estado de angústia.

A narração é desenvolvida por meio de um monólogo interior realizado pelo próprio narrador-personagem, que mistura trechos de seu passado aos fatos do presente, distorcidos pelo estado psíquico de Luís, ocasionando em associações incomuns.



## Tempo

A obra é contada sob três vieses temporais: o cronológico, o psicológico e o histórico.

No **tempo cronológico**, temos a sucessão de eventos que culminou na narrativa de Luís da Silva e que ocorreu no intervalo de um ano. Durante esse período, ele se muda para a pensão, conhece Marina e Julião Tavares, enamora-se dela, fica noivo, mas perde seu amor para Julião, até que, por fim, comete o crime contra seu rival, por quem sempre teve profundo rancor.

*Foi entre essas plantas que, no começo do ano passado, avistei Marina pela primeira vez, suada, os cabelos pegando fogo.*

É possível perceber também que Luís da Silva inicia a narração de sua história trinta dias após sair de seu estado febril devido ao seu ato criminoso.

No **tempo psicológico**, conhecemos o passado do protagonista. Por meio de *flashbacks*, temos contato com sua infância, seu período familiar na companhia de seu pai e seus avôs e todas as mudanças pelas quais passou, que o tornaram um homem angustiado e inconformado com sua situação. Essas memórias misturam-se com o seu passado mais próximo (até o assassinato de Julião) e presente (após o crime). Dessa forma, conhecemos os fatos à medida que suas lembranças surgem e suas conexões são realizadas.

O passado do protagonista representa, para ele, um momento de certa segurança antes dos trágicos acontecimentos de seu presente, como ele próprio afirma: *busco refúgio no passado*.

Passado e presente conectam-se, tornando a narração atemporal após os episódios trágicos, como afirma: *Mas no tempo não havia horas*.

Por fim, temos o tempo histórico, que nos mostra todo o contexto histórico e social por trás dos acontecimentos da narrativa.

O declínio da economia açucareira, resultante da modernização do sistema produtivo no Brasil, pode ser percebida na decadência do avô Trajano, fazendeiro e antigo senhor de escravos. A menção a cangaceiros (fenômeno conhecido como “banditismo social”, ocorrido entre 1870 e 1940) tem como pano de fundo o sofrimento do sertanejo devido à seca e a outros conflitos sociais, como os movimentos de Canudos e de Contestado.

Com Julião Tavares, temos a representação do nacionalismo de fachada, ainda remanescente dos anos iniciais da República. Já a personagem Moisés representa os ideais socialistas que começavam a surgir em alguns grupos sociais, principalmente na classe trabalhadora. A perseguição policial que essa personagem sofre representa os vários conflitos ocorridos entre o governo Vargas e os socialistas, que resultaram em diversos presos políticos, entre 1937 e 1945.

Além disso, conclui-se que o tempo na obra realiza um movimento circular, isto é, não há um padrão lógico de continuidade temporal, característica recorrente no romance contemporâneo. Alguns críticos consideram essa característica uma reprodução do mundo moderno, pois, com as descobertas e os avanços tecnológicos e a sociedade de consumo, o ser humano perdeu sua identidade com o mundo, ocasionando em uma visão perturbada e caótica de tempo e espaço.

## Espaço

O espaço da narrativa varia de acordo com a memória de Luís da Silva, alternando-se entre passado e presente.

Assim, temos a descrição da casa e do bairro suburbano em que mora em Maceió:

*Ainda não disse que moro na Rua do Macena, perto da usina elétrica. [...] Afinal, para a minha história, o quintal vale mais que a casa. Era ali, debaixo da mangueira, que, de volta da repartição, me sentava todas as tardes, com um livro.*

[...]

*Bairro miserável, casas de palha, crianças doentes. Barcos de pescadores, as chaminés dos navios, longe.*

[...]

*O meu horizonte ali era o quintal da casa à direita: as roseiras, o monte de lixo, o mamoeiro. Tudo feio, pobre, sujo. Até as roseiras eram mesquinhas: algumas rosas apenas, miúdas. Monturos próximos, águas estagnadas, mandavam para cá emanações desagradáveis.*

[...]

Além desses espaços, ele apresenta-nos também a fazenda do avô, onde passou sua infância, a vila onde morou depois que seu pai faleceu, a pensão de dona Aurora, o poço da Pedra, entre outros. A descrição das áreas rurais e urbanas por onde passou evidencia o sentimento de deslocamento, de não pertencimento que Luís sente, o que só aumenta a angústia dentro dele.

Quanto ao espaço, há também um contraste entre passado (mundo rural) e presente (mundo urbano), evidenciando uma outra abordagem para a obra: a do sertanejo retirante, que não possui a estabilidade no mundo agrário naquele momento e é marcado pela constante mudança.

## Linguagem

Em *Angústia*, percebe-se uma mudança na linguagem utilizada por Graciliano Ramos. Assim como em seus outros romances narrados em primeira pessoa (*Caetés* e *São Bernardo*), o gênero lembra um diário, uma autobiografia, em que o desenrolar da história ocorre de maneira progressiva. O que diferencia *Angústia* dessas outras obras são as constantes repetições de palavras, de recordações e de situações, aumentando as dúvidas sobre o uso proposital ou não da estrutura.

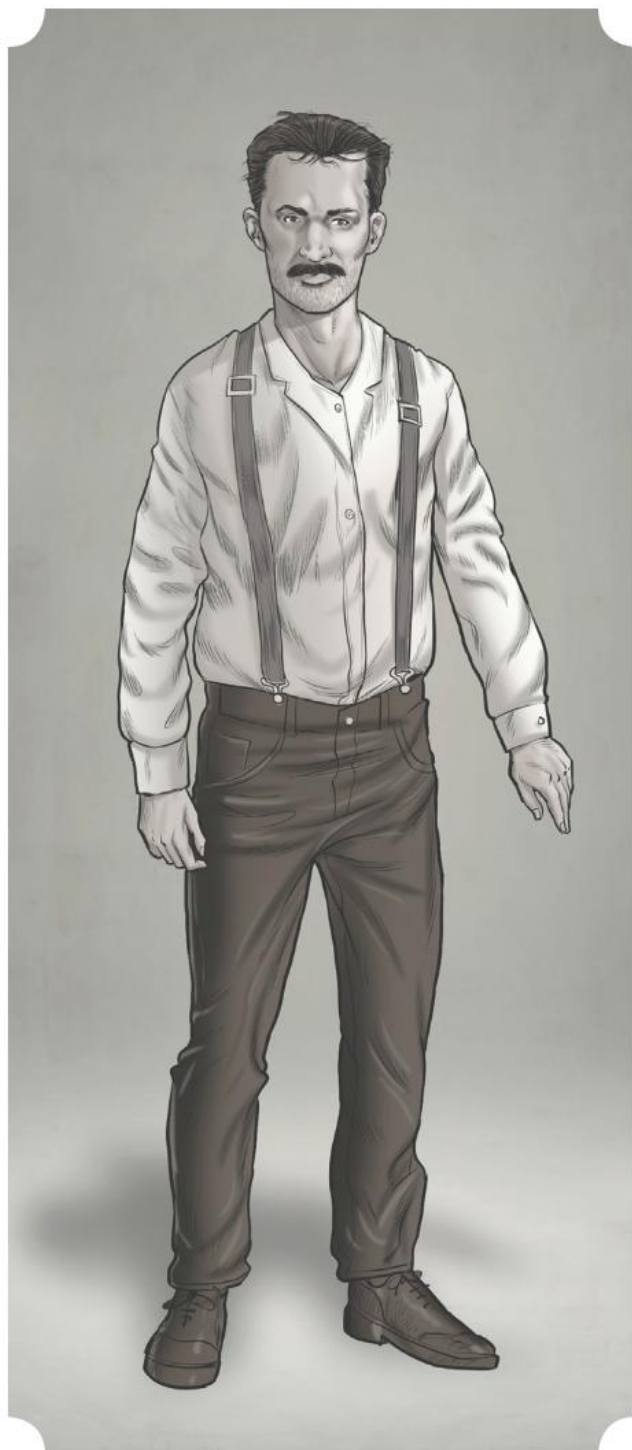
O autor mantém a escolha certa de cada palavra, fazendo com que o leitor sinta o desespero, a loucura, o caos interior da personagem, os delírios de uma mente devastada.

Podemos perceber o constante uso de metáforas e também da metonímia, principalmente quando Luís relaciona suas lembranças a objetos, palavras e pessoas.

Além disso, por conta do domínio do fluxo da consciência na obra, há pouca presença de discurso direto. Em alguns momentos, o narrador invade o discurso direto e realiza a narrativa do que dizem as outras personagens, misturando suas palavras às dos outros.



## Personagens



- **Luís da Silva:** protagonista e narrador. Sente-se estrangeiro ao não encontrar aconchego nem esperança em quaisquer lugares em que morou. A preocupação com a justiça social visa a si, e não à vida dos outros. Ele é introvertido, cheio de recalques e complexos de inferioridade.



- **Marina:** jovem e bonita, muda-se com sua família para a casa ao lado da de Luís, tornando-se sua namorada e noiva. É fútil e facilmente se deixa levar pelas aparências, pelo luxo, pelo requinte; por isso, abandona o noivado com Luís da Silva para se envolver com Julião Tavares.

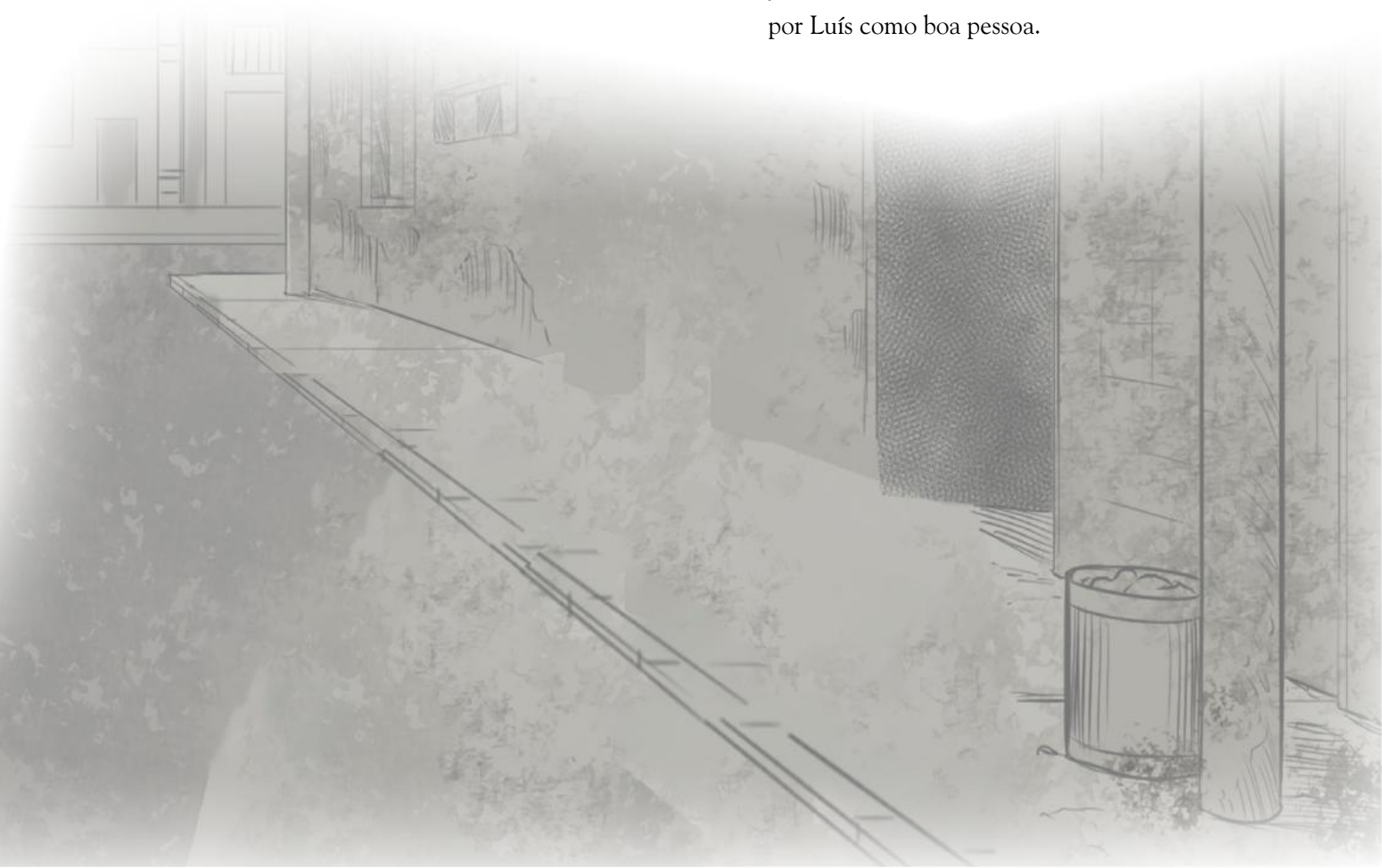


- **Julião Tavares:** representa a sociedade burguesa. É rico, com linguajar rebuscado e, frequentemente, ostenta sua posição de superioridade, a fim de expressar a classe social a qual pertence. Costuma seduzir meninas para, depois, abandoná-las, assim como fez com Marina.

- **Dona Adélia:** mãe e sempre defensora de Marina. Mulher da periferia que, quando jovem, fora muito bonita e atraente.
- **Seu Ramalho:** pai de Marina, homem desiludido com a vida e que, constantemente, aconselha Luís a não se casar (“casamento é buraco”).
- **Moisés:** amigo de Luís da Silva. É um judeu com ideias socialistas e, por esse motivo, é perseguido pela polícia.
- **Pimentel:** outro amigo de Luís da Silva. É jornalista político, mudando constantemente seus textos para agradar pessoas poderosas.
- **Seu Ivo:** mendigo que aparece vez ou outra para receber comida e cachaça, dando notícias por onde passa. Entrega, como presente, a corda que Luís da Silva, mais tarde, usa para enforcar Julião.
- **Vitória:** velha quase surda, empregada de Luís.
- **Dona Rosália:** vizinha de Luís, cujo marido vive viajando a serviço. Tem muitos filhos, e, quando o marido está de volta, o casal se dedica a longas horas de atividade sexual, para perturbação de Luís.
- **Trajano Pereira de Aquino Cavalcante:** o avô de Luís da Silva. Foi um proprietário de terras e de escravos que, antes de sua decadência, era muito influente e respeitado. Nas recordações de Luís, está sempre bêbado.
- **Sinhá Germana:** avó de Luís, esposa de Trajano, mulher que sempre obedecia ao marido e, por isso, era enaltecida por Luís, que a compara às mulheres com quem convive.



- **Camilo Pereira da Silva:** pai de Luís da Silva. É severo com o filho e aparece nas lembranças de Luís deitado na rede, como um preguiçoso. É dele que Luís herda o gosto pela leitura.
- **Quitéria:** uma negra, cozinheira da casa da fazenda nos tempos do avô.
- **Amaro:** vaqueiro da fazenda, que causava grande admiração do menino Luís por conta de sua destreza.
- **Antônia:** empregada de Dona Rosália, é uma morena sensual, busca a felicidade nos envolvimento com os homens. Algumas vezes, deixa a casa da patroa para viver seus romances, mas sempre acaba voltando.
- **Dona Mercedes:** vizinha espanhola que recebe, ocasionalmente, em casa, um amante rico. Anda sempre bem arrumada, e Marina a tem como inspiração.
- **Lobisomem e suas filhas:** vizinho velho, barbudo e encolhido, que se mudou para a rua do Macena com três filhas ruivas, sujas e malvestidas.
- **Dr. Gouveia:** proprietário da casa onde mora Luís da Silva. Explora o inquilino cobrando um aluguel que não condiz com a habitação.
- **A prostituta magra e doente do Helvética e a datilógrafa de olhos verdes:** são personagens das tentativas frustradas de Luís da Silva para afastar sua atenção de Marina.
- **Dona Aurora:** dona de uma pensão barata onde Luís da Silva viveu em tempos difíceis.
- **Dagoberto:** colega de quarto de Luís na pensão, estudante de Medicina.
- **Moqueca:** animal de estimação (cadela) da fazenda.
- **José Baía:** criminoso e violento, mas considerado por Luís como boa pessoa.



# QUESTÕES

**1. UFRGS-RS 2015** Leia as seguintes afirmações sobre a obra de Graciliano Ramos.

- I. No romance *Angústia*, Luís da Silva narra seu dilema de ou casar-se com a vizinha Marina ou mudar-se para o Rio de Janeiro para trabalhar como funcionário público.
- II. Em *São Bernardo*, Paulo Honório, narrador protagonista, recupera sua trajetória de sucesso econômico, mas de fracasso afetivo.
- III. No romance *Vidas secas*, é narrada a dura trajetória de uma família de retirantes, que luta contra as condições adversas, tanto naturais como sociais.

Quais estão corretas?

- A Apenas II.     C Apenas I     E I, II e III.  
 B Apenas III.     D II e III.

**2.** Em *Angústia*, Graciliano Ramos,

- A assim como em *São Bernardo*, expõe os conflitos dramáticos vividos pelo protagonista, que é também o narrador.
- B igualmente em *Infância*, desenvolve as ações no espaço urbano e analisa o comportamento dos burocratas.
- C assim como em *Vidas secas*, situa suas personagens no Nordeste, mantendo a perspectiva do retirante miserável.
- D assim como em *Vidas secas*, utiliza o ponto de vista da terceira pessoa, mantendo a objetividade da narração.
- E ao contrário de *Vidas secas*, mergulha no mundo sertanejo para valorizar as qualidades do homem rústico da região.

**3. PUC-SP** Otto Maria Carpeaux, analisando o romance de Graciliano Ramos, afirma: “Após ter lido *Angústia* até o fim, é preciso rever as primeiras páginas, para compreendê-las”. Isso se justifica porque o romance apresenta

- A um mundo fechado em si mesmo, mas com linhas narrativas independentes e soltas.
- B estrutura circular em que início e fim se tocam em relação de causa e efeito.

- C relação temporal em que o passado e o presente se interpenetram, dando ao texto uma estrutura labiríntica.
- D narração em terceira pessoa, com linha narrativa ondulatória.
- E desordem na sequência narrativa como consequência do distúrbio mental que acometera a personagem.

**4. PUC-SP** O crítico Álvaro Lins, analisando o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, assim se expressa: “As personagens são projeções da personagem principal. Julião Tavares e Marina só existem para que Luís da Silva se atormente e cometa o seu crime. Tudo vem ao encontro do personagem principal – inclusive o instrumento do crime”. De acordo com esse texto e considerando a trama do romance, é possível depreender-se que

- A Luís da Silva e Julião Tavares são projeções de um mesmo sentimento, qual seja o de destruição e morte de Marina.
- B Luís da Silva, acometido por uma crise de ciúme, mata Marina, a vizinha por quem nutria uma paixão recalcada.
- C o instrumento do crime ocorrido na narrativa foi um pedaço de cano que, segundo Luís da Silva era “uma arma terrível, sim senhor, rebenta a cabeça dum homem”.
- D Julião Tavares seduz Marina, ex-namorada de Luís da Silva, e este se vinga, estrangulando-o com um pedaço de corda, presente de Seu Ivo.
- E traído e espezinhado no orgulho de homem por Julião Tavares, Luís da Silva usa uma cobra como instrumento para enforcar o rival.

**5.** Em *Angústia*, Luís da Silva é cercado por pessoas com manias, sendo uma delas sua empregada Vitória, uma velha quase surda, que vive tendo conversas sem sentido com o papagaio da casa. Que outras manias ela apresenta no romance?

- A Enterra o salário sempre ao pé da mangueira do quintal e acompanha pelos jornais as chegadas e partidas de navios.
- B Recusa-se a tomar banho e a comer com talheres.
- C Dorme sentada e costura com a luz apagada.
- D Intromete-se nas conversas alheias com anedotas.
- E Faz promessas para casar e ter filhos.



**6.** Relacione as colunas que se referem ao tempo do romance de *Angústia*.

- I. Tempo cronológico
- II. Tempo psicológico
- III. Tempo histórico

- Os fatos do passado resgatam, através da memória, a infância de Luís da Silva na fazenda do avô e sua mudança para a vila com o pai.
- Luís da Silva conhece Marina, acaba apaixonando-se por ela, mas a perde para Julião Tavares, que a seduz e a engana.
- O avô, antigo senhor de escravos, acaba indo à falência, fato que faz referência à modernização do sistema produtivo no Brasil.

A ordem correta é:

- A III, II e I.       C I, III e II.       E II, I e III.
- B II, III e I.       D I, II e III.

**7.** Através das mudanças entre as gerações da família de Trajano, é possível ver, na obra, a crise da mudança de sistema político da época, pois Trajano era um poderoso senhor de terras, diferente de seu filho Camilo e neto Luís da Silva, protagonista da história.

Assinale a alternativa que corresponde ao que foi afirmado.

- A Enxoto as imagens lúgubres. Vão e voltam, sem vergonha, e com elas a lembrança de Julião Tavares.
- B Debaixo da chuva azucrinante, espécie de neblina pegajosa, a mangueira do quintal e as roseiras da casa vizinha estão quase invisíveis.
- C Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que alcancei velhíssimo. Os negócios na fazenda andavam mal.
- D Os globos opalinos do Aterro iluminam o gramado murcho e a praia branca.
- E Rua do Comércio. Lá estão os grupos que me desgostam.

**8.** A respeito de *Angústia*, de Graciliano Ramos, é correto afirmar:

- A Este é um volume do famoso ciclo da cana-de-açúcar, em que se narra a vinda de um rapaz doengenho falido do avô, onde fora criado, para a cidade.
- B O crime de Luís da Silva nos é apresentado como passional, mas é possível dizer que ele também representa uma desforra social.
- C Trata-se de um romance regionalista típico, já que sua ação, passada no sertão alagoano, gira em torno de um crime político muito comum no Nordeste brasileiro.
- D A personagem principal, Luís da Silva, deseja uma revolução socialista, que o transformará em alguém mais importante que Julião Tavares.
- E O narrador onisciente em terceira pessoa permite a exploração psicológica de um crime tanto por parte do assassino, Luís da Silva, quanto da vítima, Julião Tavares.

**9. UDF** Aponte o item que melhor conceitua a obra *Angústia*, de Graciliano Ramos.

- A Essa obra complementa *Memórias do cárcere*, do mesmo autor, relativamente às suas memórias, mas sem o seu envolvimento político.
- B Narrativa ficcional de forte tendência psicológica, seguindo o fluxo do pensamento do narrador em 1ª pessoa.
- C A exemplo das narrativas de Jorge Amado e Érico Veríssimo, em *Angústia*, Graciliano Ramos privilegia a ação, de forma a registrar o universo das tradições nordestinas.
- D Em *Angústia*, o autor movimentava as personagens em ações que lhe permitem registrar as relações exteriores entre pessoas de diferentes crenças e origens, como num painel ou palco teatral.
- E Os contos reunidos no volume *Angústia*, de interação psicológica, assemelham-se aos de *Insônia*, do mesmo autor, e a algumas coletâneas de Clarice Lispector.

## GABARITO

- |             |             |             |             |             |
|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>1.</b> D | <b>3.</b> B | <b>5.</b> A | <b>7.</b> C | <b>9.</b> B |
| <b>2.</b> A | <b>4.</b> D | <b>6.</b> E | <b>8.</b> B |             |

# AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO

[sistemapoliedro.com.br](http://sistemapoliedro.com.br)

São José dos Campos-SP  
Telefone: 12 3924-1616  
[editora@sistemapoliedro.com.br](mailto:editora@sistemapoliedro.com.br)



1 9034 11 000272